

## 4.

### A Experiência salvífica e suas consequências na teologia de Karl Rahner

A experiência salvífica que serve de base antropológica para a teologia de Karl Rahner foi aplicado pelo autor a diversas questões importantes dentro do universo teológico.

Exercendo sempre uma atividade muito grande, o que inclusive o impedia de escrever de maneira muito sistemática, vários livros são compilações de artigos e de conferências, Rahner soube dar a diversas questões um tratamento novo, buscando sempre em cada assunto a base antropológica para a compreensão e plausibilidade destes em relação ao ser humano de sua época.

Como ele explica a partir da Experiência:

#### 4.1.

##### Revelação cristã

A realidade denominada por Rahner de existencial sobrenatural, propõe que, na vida de cada ser humano, o que este pode experimentar nunca é apenas o dinamismo transcendental que o constitui sujeito, em termos de mera abertura para o horizonte infinito, para o Mistério absoluto.

Apesar de, no nível da reflexão, para não comprometer a gratuidade da Graça e não confundi-la com a natureza humana, ser necessário distinguir abertura transcendental e preenchimento desta pela imediatez divina, na prática, o ser humano é sempre aquele que tem o seu dinamismo transcendental já em relação com a Graça, sobrenaturalmente elevado, no mínimo enquanto oferta a este ser humano, precisamente o que caracteriza o existencial sobrenatural<sup>258</sup>.

Isto não quer dizer que todo ser humano tenha conscientemente esta compreensão de que já está em relação com Deus, pois tal relação é de natureza transcendental, e nem sempre é corretamente objetivada<sup>259</sup>. No

<sup>258</sup> Cf. RAHNER, Karl. **Foundations of Christian Faith**. Tradução: William Dych. Nova Iorque: Crossroad, 2002, p. 127.

<sup>259</sup> Cf. Id; RATZINGER, Joseph. **Revelação e Tradição**. Tradução: Belchior Cornélio da Silva. São Paulo: Herder. 1968, p. 4.

entanto, significa que Deus cria esta abertura transcendental no ser humano, já com o intuito de se auto comunicar. O Mistério distante, a meta não abarcável do dinamismo transcendental é apenas o pressuposto para a sua absoluta aproximação<sup>260</sup>.

Deste modo, “real e radicalmente todo ser humano deve ser compreendido como o evento da auto comunicação sobrenatural de Deus”<sup>261</sup>. Isto não quer dizer que toda pessoa aceite tal oferta, nem que esta aceitação ocorra exclusivamente em termos cristãos ou mesmo religiosos.

Por conseguinte, se esta auto comunicação divina se realiza de for transcendente no ser humano, ela não está localizada especificamente em nenhuma área da vida do ser humano, mas se encontra como pressuposto em todas elas.

A objetivação dessa experiência ocorre na história, tanto individual quanto coletiva<sup>262</sup>. Deste modo, a aceitação, na liberdade humana, dessa auto comunicação pode se dar também de modo universal, atemático e até “não-religioso” inominado, mas real em todas as circunstâncias da vida humana<sup>263</sup>.

Se existe tal oferta da Graça, e se é possível responder a ela, mesmo em setores não tematicamente religiosos e cristãos da existência humana, se faz necessário precisar em que sentido pode haver uma Revelação situada num contexto cultural e histórico específico que se caracterize como a plenitude desta proximidade de Deus em relação aos seres humanos. Ou seja, a partir da existência e ação real da auto comunicação divina na transcendência elevada de todo ser humano, como se pode coadunar tal afirmação com a História da salvação específica, categorial do Antigo e Novo Testamento.

Esta mesma história da Revelação presente na Sagrada Escritura parece contradizer aquela que Rahner afirma ser a experiência primordial de Deus: a do Mistério que permite conhecer todas as coisas sem se dar ele mesmo a conhecer, pois permanece sendo a condição de possibilidade para o conhecimento de todas as realidades categoriais, sem que ele mesmo seja

<sup>260</sup> Cf. Id. **Foundations of Christian Faith**. Tradução: William Dych. Nova Iorque: Crossroad, 2002, p. 129.

<sup>261</sup> **Ibid.**, p.127.

<sup>262</sup> Cf. Id; RATZINGER, Joseph. **Op. cit.**, p. 5

<sup>263</sup> Cf. Id. **Foundations of Christian Faith**. Tradução: William Dych. Nova Iorque: Crossroad, 2002, p. 132.

objetivado. A intervenção tão direta de Deus nas Sagradas Escrituras parece pressupor que Deus seja uma realidade categorial ao lado de outras<sup>264</sup>.

Para esclarecer estas dificuldades que poderiam ser tomadas como aparentes contradições entre o pensamento teológico do nosso autor e a doutrina da Igreja, é preciso fazer referência, antes de tudo, a um fator intrínseco à experiência transcendental. A transcendência do espírito humano em direção ao seu horizonte último não se faz senão através da mediação do finito<sup>265</sup>.

O imediato do Mistério último da realidade ao ser humano acontece precisamente na medida em que esse se depara com a realidade, categorial, finita o que o lança à procura de uma infinitude sempre nova, graças à sua abertura transcendental.

Tal infinitude o ser humano não a encontra nem em si mesmo, mas unicamente na realidade última que constitui todas as outras. Ou seja, o imediato do Mistério e mediação por parte das realidades finitas não são contraditórias<sup>266</sup>. Rahner cita o exemplo da máxima do imediato em relação a Deus que se possa experimentar que é o da visão beatífica e afirma que, nem lá esta deixará de ser mediada pela finitude da nossa natureza humana<sup>267</sup>.

Por isto, o imediato de um Mistério que de distante e calado mostra-se próximo, presente na vida humana, se faz através de mediações categorias e, portanto, possui uma história<sup>268</sup>. Como Deus, enquanto compreendido, como horizonte último da transcendência humana, é o que atrai e capacita o ser humano para prosseguir em direção ao sempre mais, como é ele que dinamiza a inconformidade humana com o que lhe é dado, mostrando sempre tal dado como finito, podemos afirmar que a história é a história da transcendência humana e, do mesmo modo, não há como compreender a transcendência humana como uma capacidade que seja dada, vivenciada e refletida fora da história<sup>269</sup>.

Por isto, toda história é a história da auto-oferta de Deus aos seres humanos e a da sua aceitação ou rejeição, na liberdade. Não existe assim uma história “natural” e uma da “salvação”, como sendo realidades paralelas

---

<sup>264</sup> Cf. **Ibid.**, p. 81-82.

<sup>265</sup> Cf. **Ibid.**, p. 83.

<sup>266</sup> Cf. **Ibid.**

<sup>267</sup> Cf. **Ibid.**, p. 83-84.

<sup>268</sup> RAHNER, Karl; RATZINGER, Joseph. **Op. cit.**, p. 8.

<sup>269</sup> Cf. Id. **Foundations of Christian Faith**. Tradução: William Dych. Nova Iorque: Crossroad, 2002, p. 140.

ou justapostas<sup>270</sup>. Onde quer que se dê a auto-realização humana, em qualquer ação da nossa liberdade, também através de mediações históricas que nada tenham a ver com o campo religioso, ali está se realizando a história da salvação ou o contrário desta, se ocorre uma negação da auto-oferta divina<sup>271</sup>.

Isto significa que, em verdade, a salvação não está confinada na história da Revelação presente no Antigo e Novo Testamento, mas se realiza em todo ato livre, já inspirado pela Graça, em que esta salvação é acolhida<sup>272</sup>.

Por isto mesmo, deve-se afirmar que nesta auto-oferta que Deus faz de si mesmo na dimensão transcendental e que é mediada para a pessoa através das mais diversas realidades categoriais, ocorre um certo tipo de conhecimento. Se a salvação se realiza quando acolhida por uma liberdade inspirada pela Graça, esta acolhida tem como pressuposto que em algum nível, esta proposta à liberdade humana seja identificada como um bem. Claro que tal conhecimento não se dá em forma de conceituação plena, mas é um tipo de saber primário, inerente à experiência, mas nem por isto menos real<sup>273</sup>. Por isto, pode-se afirmar que também existe uma verdadeira história da revelação que se realiza no transcendente.

Esta história da revelação ao mesmo tempo em que se dá junto com a experiência da transcendência elevada do ser humano constitui-se na sua auto expressão<sup>274</sup>. Esta história da revelação avança no sentido de se fazer cada vez mais consciente e compreensível ao ser humano, de tal modo, que chega a se formular como uma história progressiva e explicitamente mais religiosa que se constitui na auto-interpretação da experiência transcendental de Deus<sup>275</sup>.

Deste modo, a experiência transcendental se auto-interpreta numa história categorial da revelação que é a religião. Toda a religião quer ser expressão desta experiência primária que o ser humano faz de Deus. Isto não quer dizer que todas estas histórias categoriais da revelação, tentativas de tematizar a experiência transcendental de Deus sejam corretas, ou que tenham chegado, de fato a mediatizarem plenamente tal experiência<sup>276</sup>.

---

<sup>270</sup> Cf. **Ibid.**, p. 143.

<sup>271</sup> Cf. **Ibid.**, p. 146.

<sup>272</sup> Cf. **Ibid.**, p. 147.

<sup>273</sup> No Curso Fundamental da Fé, Rahner cita como exemplo deste saber primário, o conhecimento que a pessoa tem sobre si mesmo que é sempre maior do que se poderia escrever sobre ele em um livro, numa descrição conceitual (Cf. **Ibid.**).

<sup>274</sup> Cf. **Ibid.**, p. 154-155.

<sup>275</sup> Cf. **Ibid.**, p. 154.

<sup>276</sup> Cf. **Ibid.**, p. 155.

Elas devem ser vistas como tematizações provisórias da experiência transcendental divina, não tendo êxito total em sua proposta. É bem verdade que em muitos momentos na história das religiões é possível perceber elementos que tematizam de maneira fiel esta experiência, mas estes não chegam a ter continuidade, não formam uma espiral constante de tematização autêntica de tal experiência. Isto porque, junto a estas corretas tematizações<sup>277</sup>, estas histórias categoriais da revelação são ambíguas e permeadas pela culpa humana, é história simultaneamente autêntica e pecadora, estando a história da culpa e da salvação unidas até o dia do juízo<sup>278</sup>.

Só é possível aceitar uma história da revelação particular como a entendemos na fé cristã, se, por um lado, ela continua sendo a auto manifestação histórica da experiência da auto comunicação divina que ocorre transcendentemente. No entanto, é necessária para a autenticidade desta mesma história particular da Revelação, que se tenha a certeza de que tal auto comunicação divina é realizada em sua total pureza, o que, só pode acontecer, se afirmarmos que o próprio Deus guia e protege esta auto interpretação da sua auto comunicação contra os erros presentes em outras histórias da revelação particulares e contra a ambigüidade própria do ser humano<sup>279</sup>.

Deste modo, tanto para podermos perceber claramente como podemos identificar a história da Revelação presente no Antigo e Novo Testamento com esta história da Revelação especialmente dirigida por Deus, quanto para termos uma chave de leitura que nos permita identificar em outras histórias particulares da revelação, elementos que autenticamente tematizem esta experiência originária da auto comunicação divina é preciso haver um critério definitivo de interpretação. Rahner identificará tal critério com Jesus Cristo<sup>280</sup>.

É precisamente a experiência que Jesus faz e anuncia de Deus que se constitui no critério último, definitivo para se interpretar as tematizações da experiência transcendental de Deus, quer presentes na Sagrada Escritura quer fora dela. Exemplo disto é que, ao longo de sua vida, Jesus muitas

<sup>277</sup> Estas experiências autênticas segundo Rahner ocorrem principalmente na história da salvação individual. (Cf. *Ibid.*, p. 156).

<sup>278</sup> RAHNER, Karl; RATZINGER, Joseph. **Revelação e Tradição**. São Paulo: Herder. 1968, p. 9.

<sup>279</sup> Id. **Foundations of Christian Faith**. Tradução: William Dych. Nova Iorque: Crossroad, 2002, p. 155.

<sup>280</sup> Cf. *Ibid.*, p. 157.

vezes desautoriza práticas, leis e costumes religiosos do seu povo, como não sendo autêntica expressão da auto comunicação de Deus<sup>281</sup>.

Pode-se ter confiança total na vida de Jesus como critério, porque, manifestamente esta existência nas suas opções concretas que em tudo transpareciam a verdadeira face de Deus, foi confirmada em sua autenticidade através da Ressurreição. Por ela, Deus confirma ser o próprio Jesus, a auto comunicação final definitiva de si mesmo<sup>282</sup>.

É o próprio Cristo, o critério utilizado pela comunidade cristã primitiva para a releitura do Antigo Testamento. Sem Jesus Cristo não é possível, mesmo no Antigo Testamento perceber o que é uma autêntica interpretação da experiência de auto doação divina ao ser humano, mesmo que seja uma interpretação restrita a determinado tempo, a uma etapa superável da Revelação e o que é verdadeiramente distorção e erro, ainda que se leve em consideração este desenvolvimento progressivo da Revelação divina<sup>283</sup>.

A compreensão da Revelação nos seus aspectos transcendental e categorial, mantém em tudo a gratuidade e especificidade da Revelação divina ocorrida de maneira privilegiada ao longo da história presente nos Antigo e Novo Testamento. Mas, nos permite entendê-la não como um evento isolado do restante da história da humanidade e das outras religiões e sim, como a manifestação plena e mais pura da vontade salvífica de Deus que, não obstante, está presente em toda a história. E isto, através da experiência que o ser humano faz da sua transcendentalidade elevada nos diversos campos da sua existência e nas histórias particulares da revelação que, se tematizam de forma imperfeita esta experiência, não são simples erros humanos que possam ser descartados como um todo.

## 4.2.

### Profetismo

Os profetas e hagiógrafos daquela história da Revelação que em Cristo recebeu a sua plena confirmação como sendo a verdadeira auto-expressão da auto comunicação divina devem ser percebidos como o “lugar” onde esta

---

<sup>281</sup> Cf. *Ibid.*, p. 280.

<sup>282</sup> Cf. *Ibid.*, p. 279.

<sup>283</sup> Cf. *Ibid.*, p. 157-158.

auto comunicação divina que acontece a todos os seres humanos encontra a sua mais perfeita expressão<sup>284</sup>.

Eles não são detentores de uma experiência de Deus exclusiva, mas interpretam, tematizam essa experiência que se realiza em toda a subjetividade elevada pela Graça em cada ser humano.

Esta auto-expressão da experiência transcendental de Deus nos profetas constitui-se para os outros crentes em uma autêntica objetivação, o que torna possível à que graças a intersubjetividade de que é constituída a história, outras pessoas reconheçam a sua própria experiência na do profeta.

Do profeta já se deram muitas definições. Aquilo, porém, que talvez mais o caracteriza é “Homem de Deus e Homem do Povo”. É na confluência desses dois aspectos que se situa a experiência básica que está na origem da vocação e da missão profética. É na junção desses dois fios, feita na indivisibilidade da consciência de um homem, que salta a faísca da revelação e do apelo de Deus<sup>285</sup>.

Na origem da vocação profética está uma experiência de Deus. Muitos deles relatam uma tal experiência geradora da sua missão, que, às vezes, é chamada visão inaugural. Na maneira deles falarem da sua experiência de Deus, percebe-se que essa experiência tem a ver com a situação no meio do povo. Pode-se dizer que experimentam Deus como sendo o “Deus do Povo” e que experimentam, ao mesmo tempo, o povo como sendo o “Povo de Deus”. Percebem o chamado de Deus, através de uma percepção clara da sua própria situação pessoal dentro do povo<sup>286</sup>.

A experiência “Eu pertenço ao Deus do Povo” é, ao mesmo tempo, a experiência de “Eu pertenço ao Povo de Deus”. A experiência de Deus faz com que nele culmine, numa consciência que o Povo de Deus deveria ter de si mesmo. A percepção clara do Deus do povo leva o profeta a ter uma percepção clara daquilo que deveria ser a vida do Povo de Deus. Sente o seu compromisso com Deus e, por isso mesmo, sente o seu compromisso com o Povo. Sente o seu compromisso com o Povo – porque é do povo – e, por isso mesmo, sente o seu compromisso com Deus. Sente que já não pode mais se calar<sup>287</sup>.

A experiência é tão forte e imperiosa, que já não deixa dúvidas. Ela traz consigo a sua própria evidência e confere ao profeta uma autoridade e uma

---

<sup>284</sup> Cf. **Ibid.**, p. 158.

<sup>285</sup> Cf. **Ibid.**, p. 159.

<sup>286</sup> Cf. **Ibid.**

<sup>287</sup> Cf. **Ibid.**, p. 160.

liberdade para falar, que ninguém consegue desfazer. Fala com autoridade e liberdade, porque fala em nome de Deus e em nome do Povo. E ele sabe disso. Tem consciência de estar falando em nome de Deus e do Povo<sup>288</sup>.

Sua vocação situa-se lá onde está o coração do povo. É gerada pela aliança que existe entre Deus e o Povo, aliança pela qual Deus quis ser o Deus do Povo e que fez do povo o Povo de Deus<sup>289</sup>.

Para os profetas, Deus deixou de ser uma ideia, um rito ou uma simples prática de vida. Tornou-se alguém que incidia profundamente sobre a vida do povo. Tudo o que fazem é apresentado como prova de que Deus é realmente o Deus do povo, presente no meio deles para salvar, e de que o povo é o povo de Deus, encarregado de ser sinal desse Deus<sup>290</sup>.

Qualquer ser humano e qualquer religião é necessariamente também a tentativa de objetivar, concretizar e dar expressão à revelação transcendental de Deus, de modo que em qualquer religião se acha um pedaço de revelação categorial de Deus, bem sucedida, quer dizer, realmente autêntica. Mas, deve-se levar então em conta, por causa da estrutura social do ser humano, que já está, desde sempre, integrado em determinada cultura, com suas próprias normas e concepções de valor, relações sócias e religiosas, ou idéias diretrizes, inspiradas pela percepção de mundo. Como se apresentam concretamente essas culturas, por que surgiram tais quais agora são: a investigação de todo isso, Rahner gosta de deixá-la com as ciências de religião. Mas o que ele ressalta com toda razão é a função específica dos portadores da revelação: os chamados “profetas”. Com esta expressão designam-se simplesmente aqueles homens determinados, a quem compete uma tarefa especial na gênese e no desenvolvimento de uma religião, quer eles sejam, em particular, fundadores de religiões de cosmovisões, quer sejam reformadores das mesmas, ou seres humanos de quem, por palavra e ato, partiram novos impulsos especiais.

A respeito desses portadores de revelação, Rahner escreve:

O profeta, visto com exatidão teológica, não é outra coisa senão o crente que consegue expressar corretamente a sua experiência transcendental. No profeta, talvez em oposição a outros crentes, essa experiência se exprime de tal forma que vem a ser também para outros uma objetivação pura e certa da experiência transcendental, feita por eles próprios, de modo que estes a possam reconhecer na sua exatidão e pureza<sup>291</sup>.

---

<sup>288</sup> Cf. **ibid.**, p. 161.

<sup>289</sup> Cf. **ibid.**

<sup>290</sup> Cf. **ibid.**, p. 158.

<sup>291</sup> **ibid.**, p. 194.



É perfeitamente aceitável e, portanto, não deve estranhar que existem sempre de novo seres humanos que, de maneira diferente e melhor que nós, vivenciam as experiências transcendentais e que, em seguida, conseguem traduzi-las mais adequadamente em palavras e atos. Por outras palavras, que existem como que “seres humanos religiosamente dotados”. Vivem a partir de uma experiência de Deus especial, vivenciada mais intensivamente. Em conseqüência disso, reconhecem melhor e mais claramente para si mesmos a presença de Deus e suas exigências em determinado tempo, conseguindo, em seguida, também articulá-las mais apropriadamente. Assim, porém, impressionam outros seres humanos, provocando neles alerta e estímulo.

Com efeito, a palavra, a pregação, a mensagem, uma vez que são objetivações reais de verdadeira experiência de Deus, não deixam, por sua vez, de impressionar o ser humano que, em virtude de sua estrutura transcendental, já procura e espera ansiosamente por semelhante palavra, em que encontra traduzido o seu próprio desejo mais íntimo. Desejo este que, para ele, talvez não seja convenientemente verbalizado ou até não seja mais suficientemente vivo, por estar encrustado por tradição ou instituição.

Enfim, a essência dos profetas ou portadores de revelação não pertence somente uma experiência transcendental mais intensiva; a ela pertence igualmente o que se poderia chamar, breve e lapidarmente, a aptidão para falar.

Auto-interpretação realmente bem sucedida, viva e bem concreta realiza-se no ser humano lá onde seres humanos, destinados a isso, com suas experiências e sua auto-interpretação, significam para outros exemplos produtivos, força estimulante e também norma<sup>292</sup>.

A partir disso, fica então possível prolongar a linha até um profeta que é o Profeta definitivo e Portador absoluto de salvação, que tal modo se perde em Deus que a sua palavra e a sua atividade constituem auto-interpretação insuperável na história. É deste ponto de vista que Rahner desenvolve o seu acesso a Jesus Cristo<sup>293</sup>.

As religiões, e hoje dever-se-ia acrescentar também as ideologias, nascem, em primeira instância, da dinâmica interna de espiritualidade humana, tal como esta se manifesta nas experiências transcendentais. Pois é preciso que consideremos mais uma vez esta pergunta: Que é que acontece propriamente quando um seres humanos, de “modo anônimo”, opera a sua

---

<sup>292</sup> **Ibid.**, p. 195

<sup>293</sup> Cf. **Ibid.**

salvação cristã? Tal ser humano crê, espera, ama. Mas para dizer a verdade óbvia: fé, esperança e caridade não podem apenas ficar fechadas dentro da subjetividade transcendental do ser humano, mas devem tornar-se históricas, tangíveis, categoriais. Isso pelos dois motivos já conhecidos: primeiro, o ser humano só tem as suas experiências transcendentais, ou quando reflete sobre elas, ou quando lida de tal maneira com os objetos categoriais do seu mundo que neles possa descobrir essa dimensão transcendental; porém em primeiro lugar e antes de mais nada, se ele age e vive simplesmente a partir da dinâmica interna da sua espiritualidade<sup>294</sup>. Ora, isso significa que o ser humano, precisamente quando opera a sua própria salvação, categoriza necessariamente também na palavra e no ato a dimensão transcendental e sobrenatural da sua espiritualidade. Tudo isso, por sua vez, outra coisa não significa senão que o ser humano é precisamente espiritualidade ligada ao corpo; que ele auto realiza para além de sua própria corporeidade, no tempo e no espaço; que é só assim que sabe quem ele é e o que ele é. Se o ser humano realmente crê, espera e ama, tudo isso se faz necessária e inevitavelmente no espaço temporal do categorial e material da sua existência<sup>295</sup>.

Em segundo lugar, deve-se considerar que o ser humano deve também dar um nome ao “para onde” definitivo e ao “de onde” primordial das suas experiências: quer saber o que é verdade; quer conhecer um sentido supra ordenado de sua vida; quer dar um nome da felicidade total e à experiência de uma promessa infinita; quer viver por uma coisa, para qual valha a pena morrer. Desta maneira, chega quase que forçosamente à concepção de Deus ou de deuses; em todo caso, à concepção de uma realidade que, de um lado, ele procura, mas que, de outro, não encontra nem pode encontrar neste mundo<sup>296</sup>. Resumindo esses dois aspectos, poder-se-ia, pois, dizer: o ser humano que, em fé, esperança e caridade, opera a sua salvação, não a opera apenas na religiosidade expressa; até a opera em primeira instância lá onde, na aceitação da sua experiência transcendental e a partir dela, realiza a sua vida cotidiana; lá onde ama, confia, espera, trabalha, se preocupa e se esforça, persevera e a agradece<sup>297</sup>.

---

<sup>294</sup> Cf. **Ibid.**, p. 195.

<sup>295</sup> Cf. **Ibid.**, p. 196.

<sup>296</sup> Cf. **Ibid.**, p. 158.

<sup>297</sup> Cf. **Ibid.**

### 4.3.

#### Desenvolvimento do Dogma

Que haja um desenvolvimento teológico que procure responder a partir da Revelação, às novas interpelações que surgem por meio das mudanças culturais em cada época é bastante claro.

No entanto, pode haver uma autêntica evolução na verdade dogmática? Num primeiro momento poderia se pensar que não, já que tudo aquilo que Deus nos quis comunicar, o fez por meio do seu Filho.

No entanto, o fato da Revelação ter atingido o seu cume com Jesus Cristo significa que nele, a auto comunicação que Deus faz de si mesmo aos seres humanos atinge um status definitivo, irrevogável, qualitativamente insuperável.

No entanto, isto não significa que temporalmente tenha chegado a seu fim<sup>298</sup>. Além do mais, o fato de Deus ter nos comunicado tudo em seu Filho não significa que tenhamos compreendido já, o todo dessa auto comunicação<sup>299</sup>.

Em primeiro lugar, é preciso perceber a relação entre a Revelação e sua expressão em um enunciado dogmático. Tais realidades não são simplesmente idênticas. Poderiam ser, caso a Revelação divina se constituísse numa série de proposições verdadeiras reveladas pelo próprio Deus.

Mas, Revelação é um acontecimento, o próprio agir de Deus<sup>300</sup>, que de modo gratuito e sobrenatural se constitui em história<sup>301</sup>, a história da auto-oferta de Deus aos seres humanos que se realiza plenamente na proximidade absoluta da Glória como momento final dessa auto oferta divina, mas que já se encontra presente enquanto dinâmica, na realidade que chamamos de Graça<sup>302</sup>.

O enunciado dogmático, portanto, não pode conter a totalidade definitiva da Revelação, porque apesar de veicular corretamente tal realidade, uma proposição nunca esgota totalmente a esta, ainda mais se tratando do

---

<sup>298</sup> Cf. **Ibid.**, p. 194.

<sup>299</sup> Cf. Id. Sobre o Problema da Evolução do Dogma In Id. **O Dogma Repensado**. Tradução Hugo Assman. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 70-71.

<sup>300</sup> Cf. **Ibid.**, p. 69.

<sup>301</sup> Cf. RAHNER, Karl; RATZINGER, Joseph. **Revelação e Tradição**. São Paulo: Herder. 1968, p. 4.

<sup>302</sup> Cf. Id. **Foundations of Christian Faith**. Tradução: William Dych. Nova Iorque: Crossroad, 2002, p. 117-118.

próprio Deus<sup>303</sup>. Não que o expressa em uma formulação dogmática, portanto a coloca como objeto de fé incondicional, trata-se de uma posse definitiva<sup>304</sup>.

Como todo enunciado dogmático está a serviço da salvação e como esta não é o assentimento intelectual a fórmulas, mas o encontro e a acolhida concreta com Deus que se revelou em Jesus Cristo, é preciso de alguma maneira que de fato haja evolução no dogma, para que este continue realizando a história da salvação que atinja a todos os seres humanos em todas as épocas, quer individual, quer coletivamente.

É absolutamente necessário que haja este dinamismo interno ao dogma que não permita que a iniciativa divina em se dar ao ser humano fique restrita a uma série de estruturas essenciais sempre válidas, mas que não incorporem as diversas mudanças na compreensão da realidade e na que o ser humano tem de si mesmo. É preciso que a auto comunicação divina se concretize como proposta nas sucessivas fases da história da humanidade, pois é a elas a que o ser humano se encontra referido<sup>305</sup>.

Deste modo, sem abandonar o que está correto no dogma, toda a fórmula em que a fé se expressa pode ser substituída por outra, que diga o mesmo que a anterior mais diga mais. Isto é possível, a partir de um novo matiz, que abra esta expressão de fé a panoramas mais amplos os quais não estavam expressamente considerados na formulação anterior<sup>306</sup>.

Isto não deve ser confundido como se houvesse simplesmente uma atualização dos vocábulos utilizados na formulação dogmática para que houvesse mais clareza nesta aos contemporâneos de cada geração. Não é uma ação literária ou gramatical, nem é simplesmente a expressão da mesma verdade de outro modo.

Esta nova formulação de fato traz elementos inéditos em relação à maneira com que aquele dado de fé foi expresso na fórmula anterior. Isto coloca a questão, se, de fato, pode haver aumento quantitativo de verdades dentro de um enunciado dogmático que quer ser a expressão definitiva da fé, da Revelação. Caso se entenda este novo dado como mera teologia sobre a antiga formulação não haveria problema. Mas, desde o momento, em que se

---

<sup>303</sup> Cf. RAHNER, Karl. Sobre o Problema da Evolução do Dogma In Id. **O Dogma Repensado**. Tradução Hugo Assman. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 62.

<sup>304</sup> Cf. **Ibid.**, p. 61.

<sup>305</sup> Id. **Teologia e Antropologia**. Tradução: Hugo Assman São Paulo: Paulinas. 1969, p. 38.

<sup>306</sup> Id. Sobre o Problema da Evolução do Dogma In Id. **O Dogma Repensado**. Tradução Hugo Assman. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 63.

afirma que esta nova formulação expressa de fato a Revelação de maneira verdadeira e obrigatória, é preciso compreender como se dá isto<sup>307</sup>.

Se não queremos recorrer ao recurso de uma nova revelação por parte de Deus a cada novo dado na formulação dogmática, o que é insustentável, é preciso aceitar que, de alguma maneira, o novo da formulação dogmática já se encontra presente, ainda que, não explicitamente no dado da Revelação expresso pela antiga fórmula.

Com relação ao conteúdo da Revelação existe, portanto, um saber original, não articulado em proposições, um saber que está diretamente ligado à experiência concreta da auto comunicação divina, já que essa é um acontecimento<sup>308</sup> e não um enunciado verbal. Tal saber originário é muito mais rico do que a sua expressão posterior<sup>309</sup>.

Graças ao Espírito Santo que guia o Magistério, último responsável por uma formulação dogmática, este conteúdo implícito se explicita. “A luz do Espírito e a da fé se fazem valer no próprio resultado. A realidade dada e ocultamente presente colabora para sua própria intelecção”<sup>310</sup>. Há deste modo uma evolução progressiva do depósito originário da fé promovida pelo Espírito<sup>311</sup>.

Esta progressiva evolução na compreensão de determinado dado da Revelação e da sua conseqüente expressão no dogma, não se faz rigorosamente dentro das possibilidades lógicas, não se realiza como se fosse o resultado de um silogismo.

Não que ela seja ilógica, mas simplesmente esta evolução não se restringe e nem se explica a partir dos recursos da inteligência humana. É a força iluminadora do Espírito que em contato com a realidade, que interpela a Revelação, promove a evolução<sup>312</sup>.

Deste modo, a evolução do dogma consiste em tornar expresso aquilo que implicitamente já estava comunicado, ainda que não apreendido na Revelação. É necessário ainda compreender como se dá tal processo.

Uma das formas deste processo se realizar é através da explicação das verdades que já estavam contidas implicitamente na formulação anterior. Rahner denomina esta maneira de evolução do dogma de “explicação do

---

<sup>307</sup> Cf. *Ibid.*, p. 66.

<sup>308</sup> Cf. *Ibid.*, p. 79.

<sup>309</sup> Cf. *Ibid.*, p. 78.

<sup>310</sup> *Ibid.*, p. 71-72.

<sup>311</sup> Cf. *Ibid.*, p. 74.

<sup>312</sup> Cf. *Ibid.*, p. 75.

‘formalmente implícito’<sup>313</sup>. Uma nova formulação que surja a partir deste método de explicação, na verdade, não ultrapassa a fórmula precedente, ainda que por motivos vários, seja importante expressá-la de outro modo. A “nova” proposição que surge, é fruto apenas de uma operação hermenêutica, exegética dos termos, surge a partir do destrinchar das possibilidades gramaticais da formulação anterior, sem um dado efetivamente novo<sup>314</sup>.

No entanto, tal explicação não engloba todas as possibilidades de evolução dogmática. Além desta explicação pelo “implícito formal” é preciso admitir uma evolução na verdade dogmática através do “implícito virtual”.

Para explicar este processo, Rahner afirma que o ser humano ao falar não tem noção de todas as conseqüências reais que se originarão das suas palavras. Portanto, não se podem atribuir a ele estas conseqüências, frutos do desenvolvimento do que foi dito originalmente.

Porém, com Deus ocorre de forma absolutamente distinta. Ele é necessariamente consciente de todas as virtualidades e conseqüências de suas comunicações, ele mesmo as dirige pelo Espírito. “Portanto, Deus mesmo diz o que só na história viva do que foi dito – imediatamente – se desvela como dito. Por isto, o que foi dito só de maneira implícita e virtual é também palavra sua”<sup>315</sup>.

Poder-se-ia objetar que com isso seria possível afirmar tudo como revelado por Deus. Essa afirmação não procede visto que nem toda proposição real tem alguma conexão com o conteúdo da Revelação, por exemplo, as proposições das ciências naturais. Além disso, é absolutamente necessário para reconhecer como real evolução do dogma alguma nova verdade a declaração do Magistério. Pode-se também pressupor, sem problemas que só conheçamos as verdades, por meio deste tipo de evolução, que Deus mesmo quiser comunicar.

Uma outra objeção possível a esta compreensão de evolução dogmática consiste no fato de que o hagiógrafo é verdadeiro autor e somente aquilo que ele intencionou escrever, de fato faz parte da revelação divina. Concordando com esta verdade, Rahner recorda, no entanto, que mesmo o autor sagrado tem consciência de ser o portador de uma verdade que o supera, já que provém do próprio Deus. O que está comunicado em tal

---

<sup>313</sup> **Ibid.**, p. 81-82.

<sup>314</sup> Cf. **Ibid.**, p. 83-84.

<sup>315</sup> **Ibid.**, p. 85-86.

mensagem pode superar aquilo que o próprio hagiógrafo compreendeu dela<sup>316</sup>.

#### 4.4.

#### Salvação dos não-cristãos

Precisamente porque o “profeta” desempenha uma função especial e porque certamente nem cada ser humano é profeta, a interpretação categorial da revelação transcendental já preexiste, com todas as conhecidas “estruturas de possibilidade”, ao homem na sua religião (ou ideologia) que ele já encontra<sup>317</sup>.

Agora deve ser considerado também o seguinte: o ser humano individual deve e precisa ter a possibilidade de participar, na sua vida, e até mesmo em todos os tempos e situações da história humana, de um relacionamento com Deus, o qual o salva. Por causa da natureza social do ser humano e por causa da solidariedade humana social que, nos tempos antigos, existia em forma ainda mais radical, fica agora absolutamente impensável que o ser humano concreto possa realizar, numa interioridade total privada e fora da religião concreta oferecida pelo seu ambiente, esse relacionamento com Deus, que ele deve ter, que lhe deve ser possibilitado por Deus, para que possa salvar-se<sup>318</sup>.

Se o ser humano pode ter sempre uma relação positiva com Deus, a qual o salva, necessário se faz que a tenha justamente dentro da religião que de fato estava à disposição, como dimensão de seu espaço de existência<sup>319</sup>.

E prossegue:

É, pois, preciso que nos livremos do preconceito, como se pudéssemos colocar uma religião fora do cristianismo diante do dilema: ou tal religião, em sua totalidade, provém de Deus e corresponde perfeitamente à sua vontade e ao seu pensamento, ou, pelo contrário, essa religião é simplesmente ficção humana<sup>320</sup>.

Esse modo de ver, segundo Rahner, já se pode deduzir simplesmente do fato de que, sem dúvida, o Antigo Testamento se deve à revelação divina, mas que, no entanto, não era isento de erros e interpretações erradas. Por isso, as seguintes sentenças têm importância para todas as religiões.

Em toda e qualquer religião faz-se, em si, a tentativa (pelo menos por parte do ser humano) de comunicar, refletir e interpretar verbal e historicamente a revelação primordial, irreflexa e não objetivada de Deus. Em

<sup>316</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>317</sup> Cf. RAHNER, Karl. **Foundations of Christian Faith**. Tradução: William Dych. Nova Iorque: Crossroad, 2002, p. 140.

<sup>318</sup> *Ibid.*, p. 167.

<sup>319</sup> Id. **Escritos de Teologia V**. Taurus Ediciones: Madrid, 1969, p.151.

<sup>320</sup> *Ibid.*, p. 149-150.

todas as religiões encontram-se elementos particulares de semelhante comunicação e auto reflexão bem sucedida e possibilitada pela graça de Deus, a respeito do relacionamento transcendental sobrenatural do ser humano com Deus. Mas assim com Deus permitiu simplesmente que a culpa do ser humano exercesse a sua influência ofuscante e depravada em todas as dimensões sociais e coletivas do ser humano, assim também é este o caso na história da auto interpretação objetivada da revelação gratuita de Deus, realizada pelo ser humano. É só em parte que ela sucede bem; encontra-se sempre numa história ainda inacabada; mistura-se com erro, com obcecação culpada e com as objetivações dos mesmos; estas, por sua vez, co-determinam a situação religiosa dos outros seres humanos<sup>321</sup>.

As religiões não cristãs são também revelação divina, embora não exclusivamente, porque nelas o ser humano vive e tenta exprimir em palavras a sua elevação e finalização sobrenaturais. Quanto àquilo que, em cada uma dessas religiões, é certo ou falso, valioso ou nocivo, fruto de erro ou de endurecimento culpado, o cristão só pode descobrir a partir e através de Jesus Cristo. Toda história da humanidade – Rahner não cessa de o acentuar – e também história de revelação.

#### 4.5.

#### **Autoconsciência de Jesus Cristo**

Jesus possuía autoconsciência humana, que não se deve identificar de uma forma monofisista com a consciência do Logos de Deus, pela qual a realidade humana de Jesus estaria dirigida, realidade humana que em último termo se deixaria guiar e levar passivamente como se fora uma roupagem, cuja única função seria apontar onde estaria o único sujeito ativo que seria Deus. A autoconsciência humana de Jesus, como qualquer outra consciência humana, situava-se perante Deus mantendo a distância e autonomia próprias de criatura, na liberdade, obediência e adoração<sup>322</sup>. A distinção entre autoconsciência humana e Deus, que veda entender essa autoconsciência humana como sendo de certa maneira um double da consciência divina, manifesta-se, ademais, no fato de que Jesus, durante a sua atividade pública, teve de chegar a conhecer (consciência objetivada e verbalizada de Jesus)

---

<sup>321</sup> Cf. Id. **Foundations of Christian Faith**. Tradução: William Dych. Nova Iorque: Crossroad, 2002, p. 162.

<sup>322</sup> Cf. **Ibid.**, p. 296.



que o reino de Deus, em vista da dureza de coração dos seus ouvintes, não veio da forma como pensara de início em sua pregação<sup>323</sup>.

Sem prejuízo de identidade última, mantida durante toda a vida, de profunda consciência não reflexa de radical e singular proximidade em relação para com Deus (tal como se manifesta na singularidade de seu comportamento para com o “Pai”), esta (auto) consciência de Jesus, que se objetivava e se verbalizava, não deixava de ter sua história: ela participava do horizonte de compreensão e dos conceitos do seu meio ambiente (também em próprio proveito, e não apenas por condescendência para com os outros); aprendia, fazia novas e surpreendentes experiências; sentia-se ameaçada por crises supremas de auto-identificação, ainda que essas – sem nada perder de sua agudeza – permanecessem, contudo, envolvidas pela consciência de que também elas permaneciam encerradas na vontade do “Pai”<sup>324</sup>.

---

<sup>323</sup> Cf. **Ibid.**

<sup>324</sup> Cf. **Ibid.**